

A “Revolta da Vacina” nas caricaturas de “O Malho” e a vacinação obrigatória (ontem e hoje)

Beatrice M. Fujita; Clara C. Nicolau; Clara F. Hirose; Isabela O. Yamazoe¹
(Orientador: Prof. Dr. João Paulo Streapco²)
(Revisão: Prof^a Dr^a Denise Aparecida Masson³)

Resumo: O artigo examina e discute a “Revolta da Vacina” no Rio de Janeiro em 1904 pela ótica das caricaturas de “O Malho”, revista satírica da época. Estabelece também comparações com resistências à vacinação no Brasil na atual pandemia do Coronavírus.

Palavras Chave: Revolta da Vacina. Oswaldo Cruz. “O Malho”. Pandemia do Coronavírus.

Abstract: This article examines and discusses the “Vaccine Revolt”, in Rio de Janeiro, 1904, from the point of view of “O Malho”, a satirical journal at that time. It establishes some comparisons with the resistance to vaccination in the Coronavirus pandemic.

Keywords: Vaccine Revolt. Oswaldo Cruz. “O Malho”. Coronavirus pandemic.

1. Introdução

Desde o desenvolvimento das primeiras vacinas contra o Covid-19 na pandemia, temos observado, no Brasil, diversas manifestações antivacina. A imprensa chegou a falar em uma nova “Revolta da Vacina”, evocando a rebelião popular contra a vacina (na época, anti-varíola), ocorrida no Rio de Janeiro, em novembro de 1904. É importante ressaltar que, naquela ocasião, a revolta teve como estopim a Lei nº 1.261 de 31 de outubro de 1904, que tornou obrigatória a vacinação contra a varíola. A enorme insatisfação popular alimentada pelas disfunções das reformas de modernização do Rio de Janeiro, promovidas pelo prefeito Pereira Passos, encontraram na obrigatoriedade da vacinação a gota d’água para a insurreição popular.



<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/2020-o-ano-que-marcou-a-explosao-das-teorias-antivacina/>

¹. Alunas do 2º. ano do Ensino Médio do Colégio Albert Sabin – SP.

². Professor do Colégio Albert Sabin – SP. Mestre e Doutor em História Social pela FFLCH-USP.

³. Professora do Colégio Albert Sabin – SP. Mestre e Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH-USP

A pandemia da Covid-19 não foi a primeira crise sanitária enfrentada pela população brasileira, destacando a epidemia de varíola, na década de 1900, e a pandemia da gripe espanhola, no final dos anos 1910. Mesmo com diferenças significativas entre o contexto da crise atual e o de há mais de cem anos, é possível verificar em ambos os casos como o negacionismo e as chamadas *fake news* (por exemplo, a de pseudo-remédios “milagrosos”) foram importantes. É inegável, claro, a instrumentalização política da crise provocada pela disseminação dessas doenças infecciosas.

Uma diferença importante entre as duas situações é a de que hoje – ao contrário do que ocorreu em 1904 – a atitude antivacina (e a oposição a outras medidas sanitárias, como o uso de máscaras ou o *lockdown*) é capitaneada pelo atual presidente, Jair Bolsonaro. Outra diferença notável é a quantidade de informações disponíveis para a população. No livro de Nicolau Sevcenko (2018), *A revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*, é possível notar a falta de informações disponíveis sobre a vacina contra varíola: mesmo aqueles que compunham a elite do país pouco sabiam sobre a imunização. Em contrapartida, atualmente, dispomos de uma ampla rede de informações de fácil acesso à população (apesar de este acesso não ser democrático). Os movimentos antivacinas atuais, conseqüentemente, vão contra dados científicos maciços, muitas vezes em nome da política e de disputas de poder.

Neste artigo, após recordar brevemente alguns posicionamentos do atual movimento antivacina – em declarações e medidas do presidente Bolsonaro –, examinaremos como uma importante revista do começo do século XX, “O Malho” se empenhou em apoiar – em suas caricaturas – a “Revolta da Vacina” de 1904. Parece-nos sugestivo oferecer ao leitor a coleção dessas caricaturas de “O Malho”. Como veremos, essa revista, inicialmente com veemente apoio à insurreição popular, atenua sua linha editorial após a repressão do governo e instala-se numa linha “conciliatória”.

2. A atitude antivacina nas falas de Bolsonaro

Além de promover medidas negacionistas ou protelatórias, algumas das falas do presidente Bolsonaro nestes anos são emblemáticas, pelo seu estilo popularesco, “grosseiro-‘espontâneo’-diretão”.

Ainda recentemente, em 31 de março de 2022, em discurso na cerimônia de despedida dos ministros que iriam sair como candidatos nas eleições deste ano, Bolsonaro reiterou seu discurso contra a vacina e reafirmou que vai continuar sem utilizar máscaras de proteção e não tomará nenhuma dose do imunizante contra a Covid-19:

Pior que uma decisão mal tomada é uma indecisão. Não pode você ter ao teu lado conselheiros dizendo o tempo todo: ‘Calma, calma. Espere o momento oportuno’. Calma é o cacete, pô! Posso perder muita coisa na minha vida, mas não a minha honra. Eu não vou perder aquilo que é fantástico para mim, como é para o Neymar quando faz um gol: estar no meio do povo. Mesmo com as críticas que muitas vezes o general Heleno, que já perdeu a paciência, vem pra cima de mim: ‘Se segura’. Eu tenho que estar no meio do povo. Inclusive, Queiroga, sem máscara. O problema é meu, a vida é minha. “Ai, não tomou vacina.” Tem gente que quer que eu morra e fica me enchendo o saco para eu tomar vacina. Deixa eu morrer”.

(<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/bolsonaro-discurso-antivacina/>)

Esta foi uma a mais das dezenas de declarações antivacina do Presidente. Para a enumeração que apresentamos neste tópico, seguiremos o levantamento feito por LOPES (2022). Após recolher a preocupante fala de que as mortes de crianças pela Covid-19 no país não justificavam a vacinação, devido aos seus “efeitos colaterais adversos”, a jornalista elenca dezenas dessas falas, das quais selecionamos as seguintes amostras:

15.dez.2020 – “Como sempre, eu nunca fugi da verdade, eu te digo: eu não vou tomar vacina. E ponto final. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu. E ponto final”.

17.dez.2020 – “Se você virar um jacaré, problema de você. Se você virar super-homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou algum homem começar a falar fino, eles não vão ter nada nada a ver com isso. O que é pior: mexer no sistema imunológico das pessoas”.

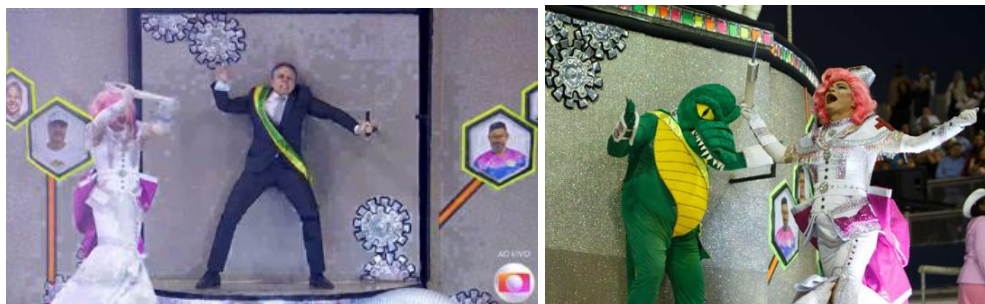
1º.set.2021 – “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”.

7.dez.2021 – “A gente pergunta: por que o passaporte vacinal? Essa coeira que querem botar no povo brasileiro. Cadê nossa liberdade? Prefiro morrer do que perder minha liberdade.”

Bolsonaro chegou a tornar-se alvo de inquérito no STF por conta de ter feito – em sua live de 31-10-2021 – falsa associação da vacina contra Covid-19 com o risco de contrair o vírus HIV e desenvolver Aids:

“Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados – quem são os totalmente vacinados? Aqueles que depois da segunda dose, né, 15 dias depois, 15 dias após a segunda dose, totalmente vacinados – estão desenvolvendo a síndrome de imunodeficiência adquirida muito mais rápido do que o previsto, recomendo ler a matéria”,
(<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-vira-alvo-de-inquerito-no-stf-por-ligar-vacina-contracovid-a-aids/>)

A escola paulistana Rosas de Ouro não perdeu: ao desfilar (24-4-22), com o samba enredo “Cura”, “Bolsonaro” foi vacinado e virou jacaré:



<https://www.terra.com.br/diversao/carnaval/rosas-de-ouro-faz-alusao-a-bolsonaro-em-satira-sobre-vacina-e-jacare,9c7899b86f459f044cfc3a701d88f15346afivkp.html>

Hoje, os argumentos antivacina pretendem apoiar-se em três pilares: afirmação da prevalência da liberdade individual, negação da validade científica do poder da vacina e a afirmação de temíveis efeitos colaterais (alguns deles

particularmente fantasiosos...). Assim, legitima-se a comparação com a Revolta da Vacina de 1904, que – como veremos, analisando o caso emblemático das caricaturas de “O Malho” – batia nessas mesmas teclas.

3. Começo do século XX – a importante revista satírica “O Malho”

Para uma breve descrição de “O Malho”, revista que é objeto de nossa pesquisa, valemo-nos da apresentação feita pelo Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM 2021):

Charges da revista "O Malho" inovaram a crítica política

A revista ilustrada O Malho, lançada em 20 de setembro de 1902, foi pioneira na utilização de charges para fazer as críticas política e de costumes. No limiar dos anos 1900, a imprensa se consolidou como meio de informação. Foi um período de afirmação do país que acabava de inaugurar a República. Nesse sentido, O Malho, entre outras publicações, contribuiu para o desenvolvimento cultural. O nome da revista advém da vocação para “malhar” as instituições políticas.

[...] Um time de escritores da época compunha o rol de colaboradores, entre eles, Olavo Bilac, Pedro e Emílio de Rabelo, Arthur Azevedo, Álvaro Moreyra. Os ilustradores eram J.Carlos, Angelo Agostini, Lobão, Guimarães Passos, L. Peixoto, Leonidas Freitas, Nássara, Raul, Kalixto e Storni. [...]

O sucesso da revista lhe rendeu posição de prestígio entre os eleitores. Era uma das mais influentes. Por isso, também possuía muitos anunciantes e uma ampla circulação, sendo impressa até 1953.

(<https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/477/charges-da-revista-o-malho-inovaram-a-critica-politica->)

De fato, a capa do No. 1 (20-09-1902), assinada por Crispim do Amaral, já descreve o propósito da revista, “Semanário Humorístico, Artístico e Literário” disposto a “malhar”. E proclamava em seu editorial de apresentação:

É de praxe que um jornal que se apresenta desfile perante o leitor boquiaberto um rosário de promessas a que se chama pomposamente – o programma. Iconoclasta de nascença, o Malho começa por atacar e destruir a praxe: não tem programma. Ou, mais exactamente, tem todos, como o seu nome bem o indica: elle é o Malho; tudo que passar a seu alcance será a bigorna. [...] (20-09-1902).

(<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pesq=&pagfis=1>)



“O Malho” já nasce importante: ainda no número inaugural, chamou-nos a atenção a grande quantidade de publicidades: 7 de suas 18 páginas são totalmente dedicadas a grandes e pequenos anúncios.

Outro fato interessante nesse No. 1 é um longo poema – de autoria de Valério Mendes – “Ode à Caricatura”, exaltando essa poderosa arma de “O Malho”, que – como veremos – será amplamente usada no caso da “Revolta da Vacina”:

[...] O que as palavras exprimir não podem,
O que às pennas e às lingoas a lei veda,
Pode o lapis dizel-o impunemente [...]
Ave, Caricatura! [...]
Bombas de riso atiras às tragédias
Da tyrannia, a liberdade humana,
Defendendo e salvando.... [...]
Ave, Caricatura!

4. A “Revolta da Vacina”

A Revolta da Vacina foi uma rebelião popular que ocorreu entre 10 e 16 de novembro de 1904 na cidade do Rio de Janeiro, que na época era a capital do Brasil. A Revolta foi precedida, como dissemos, por uma grande insatisfação popular contra as disfunções da modernização do Rio de Janeiro por Pereira Passos.

Durante a década de 1900, o Rio de Janeiro era um foco epidêmico de diversas doenças, como a febre amarela, varíola e peste bubônica, que geravam inúmeras vítimas. A capital tinha ruas estreitas, não asfaltadas, becos perigosos e sem saneamento, o que agravava a disseminação de doenças. Assim, a reforma do porto e do centro da cidade eram de extrema necessidade para o bem social e econômico do local. Nesse contexto, de epidemias (e de péssima imagem do Brasil no exterior), o presidente Rodrigues Alves promoveu uma série de reformas urbanas e sanitárias, confiando-as ao prefeito, o engenheiro, Francisco Pereira Passos.

O plano para a reforma urbana do porto e das ruas da cidade considerava como essencial que todo o espaço em torno fosse também transformado, prejudicando a moradia e o cotidiano da população carioca mais humilde. As casas e os cortiços foram demolidos às pressas e sem um aviso prévio, muitos tiveram suas moradias e locais de trabalho destruídos, gerando desemprego, inflação, aluguéis mais caros e, conseqüentemente, a mudança da população mais pobre para os subúrbios do Rio de Janeiro. Além de todas essas questões que já geravam a insatisfação do povo, surge uma lei, proposta pelo diretor geral da saúde pública na época, Oswaldo Cruz, que torna a vacinação da varíola obrigatória, o que foi o estopim para a revolta.

O fator para o início do motim foi a publicação, no dia 9 de novembro de 1904, de um projeto de lei que tornava a vacinação contra a varíola obrigatória. A revolta começou efetivamente em 10 novembro de 1904, com protestos realizados, principalmente pela população na capital. As agitações furiosas tomaram conta de praças com a população que vociferava contra a lei de obrigatoriedade e sobre suas indignações em relação à reforma da cidade. Vaiavam a força policial, que interveio. A violência entre civis e policiais foi grande, com pedradas, tiroteios, tumultos e muitos feridos e mortos, porém a polícia não conseguiu assumir o controle. Os confrontos duraram uma semana.

As reivindicações eram realizadas, de maneira geral, por grupos que consideravam a vacinação obrigatória uma violação à privacidade e à honra e por grupos que não confiavam na vacina. O primeiro grupo considerava invasiva a

vacinação obrigatória, pois as pessoas seriam vacinadas mesmo se não quisessem, e os indivíduos que se recusassem teriam suas casas e, conseqüentemente, seus corpos invadidos. Já o segundo grupo desconfiava da vacina por acreditarem ser uma política de extermínio dos menos afortunados (dada a falta de informação que a população em geral tinha em relação à vacina).

Além da população civil, alguns membros do governo não estavam de acordo com a lei da vacinação obrigatória. O senador do Distrito Federal, ex-militar, positivista e presidente da Liga Contra a Vacina Obrigatória, Lauro Sodré, considerava a imposição despótica e dizia que era uma violação de todos os direitos e da liberdade dos homens. O deputado Barbosa Lima, de origem militar e positivista, também se opunha à obrigação, pois, para ele, a lei seria obscena e ignominiosa, não concordava que pessoas, que não fossem médicos, pudessem ver partes “íntimas” do corpo de mães, filhas, tias, avós, já que desconhecidos, não só doutores, poderiam entrar em seus lares e aplicar a vacina à força. Por último, Rui Barbosa, político respeitado pelo público na época, se opunha a vacinação em si, não apenas a obrigatoriedade, ele estava temeroso quanto submeter-se a uma vacina que para ele estaria envenenando-o.

O movimento rebelde foi reprimido pelo governo, que prendeu e enviou algumas pessoas para o Acre. Em seguida, a Lei da Vacina Obrigatória foi modificada temporariamente, para que as leis fossem revistas e reconsideradas, para se tornarem menos impopulares.

Como a maioria da população não tinha conhecimento sobre a importância das vacinas e como elas funcionavam (um dos grandes motivos para a repulsa para com a mesma), foram criadas “campanhas de conscientização” a fim de reverter a situação de ignorância da sociedade brasileira da época.

5. A “Revolta da Vacina” nas caricaturas de “O Malho”

Na edição 110, de 22-10-1904 p. 22, vem a seguinte caricatura.



Aqui jaz a vaccina obrigatoria.

Pergunta-se: - Quando será arrazado o mausoléu e desanojada [liberada] a seringa [a vacina obrigatória sairá do túmulo e a seringa será liberada]

A caricatura profetiza 10 dias antes de ser aprovada na Câmara a lei da vacinação obrigatória (em 31-10: a regulamentação dessa lei em 9 de novembro deflagrou a Revolta da Vacina).

Ainda na Edição 110, de 22-10-1904, p. 24:



Um zarro pela vaccina

- Olá! Ó da casa! Vem ou não vem essa vaccina obrigatória? Estamos á espera disso, como do pão para a bocca. Na Avenida e nos Melhoramentos não há mais empregos... Hein? Sr. Seabra: Sai ou não sai?

Charge irônica – A ironia de um cidadão supostamente desejoso (sequioso, zarro) de que se imponha a vacinação obrigatória e cobra de J. J. Seabra (José Joaquim Seabra), ministro da Justiça do governo Rodrigues Alves, os empregos que podem advir dessa medida – pois o projeto de reforma geral do Rio de Janeiro, com as muitas obras e melhoramentos tiveram alto custo social para a população mais pobre da cidade e deram início às favelas.

O descontentamento do povo com a reforma urbana de Francisco Pereira Passos/Rodrigues Alves, é expresso na caricatura da página seguinte (p. 25) da mesma edição:



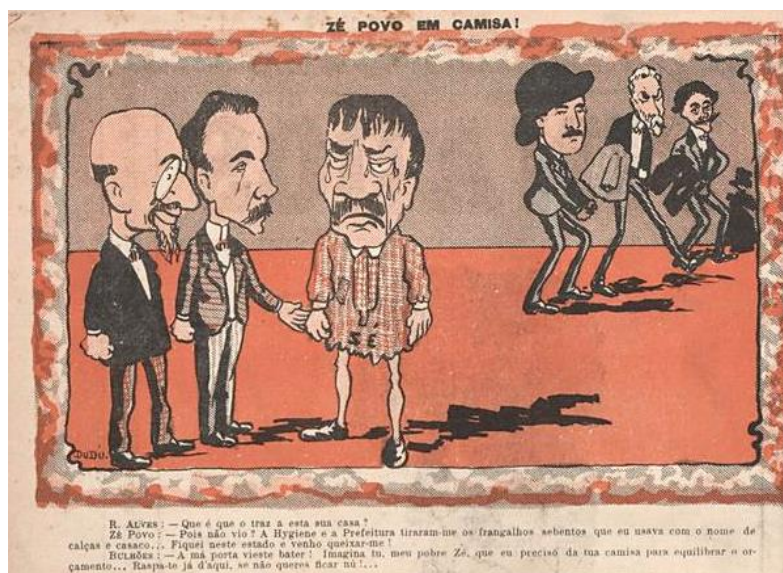
Dieta obrigatória

R. Alves: - Olhe, meu amigo! Você tem vindo aqui amolar-me muitas vezes. O que lhe digo é isto: Fiz o que pude, inventando obras públicas para lhe dar trabalho. Agora você trabalhe!...

Zé Povo: - Isso faço eu; mas tudo quanto ganho não chega para comer e pagar impostos...

R. Alves: - Pois... coma menos!

Na edição 111, 29 de outubro de 1904, há outra caricatura, ainda sobre os custos sociais da reforma urbana do Rio. Bulhões (Leopoldo de Bulhões, José Leopoldo de Bulhões Jardim) era o ministro da fazenda de Rodrigues Alves. O povo é representado pelo personagem “Zé Povo”.



Zé povo em camisa!

R. Alves: - Que é que o traz a esta sua casa?

Zé Povo: - Pois não viu? A Hygiene e a Prefeitura tiraram-me os frangalhos sebentos que eu usava com o nome de calças e casaco... Fiquei neste estado e venho queixar-me!

Bulhões: - A má porta vieste bater! Imagina tu, meu pobre Zé, que eu preciso da tua camisa para equilibrar o orçamento... Raspa-te já d'aqui, se não queres ficar nú!...

Na mesma edição e na mesma página, a célebre caricatura “Oswaldo Cruz, o Napoleão da Vacina”, e que já profetizava “para breve” a Revolta da Vacina:



Guerra Vaccino-obrigateza!...

Espectaculo para breve nas ruas desta cidade: Oswaldo Cruz, o Napoleão da seringa e lanceta, á frente das suas forças obriatorias, será recebido e *manifestado* com denodo pela população. O interessante dos combates deixará a perder de vista o das batalhas de flores e da guerra russo-japoneza. E veremos no fim da festa quem será o vaccinador á força!

Ainda na edição 111, 29 de outubro de 1904, p. 22:



- Ah, votaram a vaccina obriatoria?

Querem á força o que todo o mundo acceptava (aceitaria) com geito e de cara alegre?
 Pois, si Papai Grande [presidente] não tiver mais juizo do que o Congresso, hão de arrender-se muito! Tão certo como eu ficar nas columnas d’O Malho a gritar:

- Não póde! Não póde!

Edição 112, 5 de novembro de 1904.

A lei da obrigatoriedade seria regulamentada em 9-11. Em 5-11 (p. 5), “O Malho” publica um poema ironizando Oswaldo Cruz:

O nosso Oswaldo Cruz está na ponta.
Falta-lhe apenas o regulamento
Sobre a lei da vaccina, com que conta
Para mostrar o seu grande talento.

Fique a população maluca e tonta,
Elle está cheio de contentamento.
E já a lanceta acicalada aprrompta
Para furar o povo num momento.

Ha de disso lhe vir a fama immensa
Com que irá conquistar nomes futuros.
Nesse caso não há ninguém que o vença.

De *furar*, os direitos tem seguros!
Deve pois vir fazer parte da imprensa,
Quem tem o privilegio de dar *furos*.

Edição 113, 12 de novembro de 1904, p. 18

Zé Povo contra a vacina obrigatória. É assim que se fala!



Zé Povo: - Com raio de diabos! Os homens gráudos falaram a meu favor contra a vaccina obrigatoria; mas os taes senhores jornalistas botaram a bocca no mundo contra os defensores do meu socego... Ora, pois: quem é que vai soffrer o espeto da lei? Fou eu! Sou eu sómente! Elles ficam nas suas sete quintas, e eu que aguente calado. Vou fazer o papel que me compete: - PEÇO A PALAVRA!
Oswaldo Cruz: - A-a-a-ah!

Edição 113, 12 de novembro de 1904, p. 25

Lauro Sodré, radicalmente contra a vacina obrigatória, quer esmagar Oswaldo Cruz.

“Honni soit qui mal y pense” – Envergonhe-se quem vê malícia nisto



[Pedra] Liga contra a vaccina obrigatória

Zé Povo: - Cuidado! Sr. Lauro! Olhe que si o calhao cai, esmaga a seringa e os seringadores, como se esmaga um rato!

Lauro Sodré: - Tolo! Deixa cahir! Deixa esmagar: é a pedra que róla da montanha...

Edição 114, 19 de novembro de 1904.

No dia 14 de novembro, estoura a revolta total com Lauro Sodré tentando sublevar os cadetes da Escola Militar.

Daí a capa da Edição 114, 19 de novembro de 1904, na qual notamos uma mudança de linha editorial: contra Lauro Sodré!



Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1904

Lauro Sodré: - Abaixo esta Republica que não é a dos meus sonhos!

Republica: - Pois olhe! Sou a mesma que vocês proclamaram há 15 anos... Não tenho culpa de que vocês mudem de pesadellos e pretendam curar o doente... cortando-lhe a cabeça!...

Aqui se coloca um questionamento levantado por NOGUEIRA (2018, p. 131-136). Nessa dissertação de mestrado, a autora dedicou as páginas indicadas à posição de “O Malho” sobre a Revolta da Vacina e concluiu: “A revista é claramente contra a manifestação popular e pede ao governo que tome providências em relação ao esclarecimento da população” (NOGUEIRA 2018, p.134).

Essa afirmação é equivocada: não condiz com o conjunto das diversas caricaturas que estamos recolhendo neste artigo, nas quais vemos “O Malho” dando forte apoio ao movimento popular antivacina. Parece que se apoiou somente em uma crônica de Rui Vaz (pseudônimo de Aluísio Azevedo), no qual este reafirmou o repúdio veemente à **violência** dos dias da Revolta. E isso bastou para que a pesquisadora Renata Nogueira, que não levou em conta nenhuma caricatura publicada, classificasse “O Malho” como simplesmente reacionário:

Acreditamos que o periódico queira criar uma antipatia ao movimento o tornando perigoso e violento em razão da “desordem popular”, além de nocivo por negar a vacinação, aumentando a proliferação de doenças. (NOGUEIRA 2018, p.133).

Parece-nos mais acertado dizer que “O Malho” esteve constantemente ao lado do movimento antivacina, mas não quando este se tornou violento. É o que diz a própria crônica de Rui Vaz, que coincide com a posição do periódico (cf. Edição 114, 19 de novembro de 1904).

A crônica conclui – aí sim com ambiguidade – por um lado contemporizando: pedindo ao Presidente da República que encontre um meio de tornar aceitável a lei da vacinação obrigatória, “uma vez que ella é considerada medida de salvação pública”. Mas quase imediatamente, toma o sentido oposto: ““O Malho’ espera do Sr. Rodrigues Alves [...] regulamentação benigna dessa lei supérflua e provocadora!”

Essa posição ambígua, afirmando que havia muita coisa ruim na vacina obrigatória e, ao mesmo tempo, que o movimento era um pretexto para o golpe de Lauro Sodré é expressa na caricatura da p. 6 da mesma edição:



Tiros Indiscretos

- Olhe, meu amigo: eu sabia que a vaccina obrigatoria era muita cousa ruim, mas faltava-me saber que era um pretexto.
- Pretexto? Deite cá p'ra fora a sua sciencia. Vá: sou todo ouvidos...
- Pois não viu?! O que o Lauro queria era ir para o Cattete fazer de Papai Grande, e este que fosse passear as magoas por ahi fóra...
- De maneira que, á vista do que houve...
- Ah! E' como o outro que diz: sahio o tiro pela culatra.

Ainda na edição 114, 19 de novembro de 1904, na p. 8, o Zé Povo reitera sua rejeição absoluta à vacina e a Oswaldo Cruz, para além da politiquice e da manipulação do golpista Lauro Sodré.



No Terreno Da Vaccina Obrigatoria

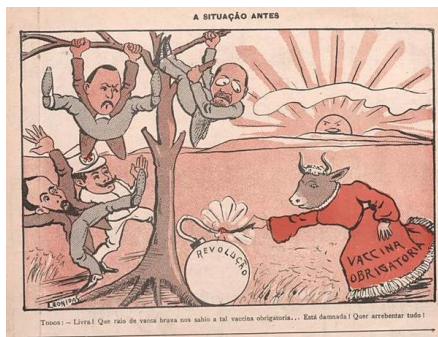
Attitude do Zé Povo imaginada pelo Sr. Oswaldo Costas Quentes, perante as doçuras do seu regulamento allemão...

Attitude real do Zé Povo

- Ora faça favor de não brincar commigo! Não quero saber de politiquice! Não tenho instigadores nem medo de caretas!

Edição 114, 19 de novembro de 1904.

Na p. 19, os alunos da Escola Militar se arrependem de terem sido usados para a rebelião. As caricaturas da p. 22 insistem nessa ideia da manipulação golpista da insatisfação popular: cai a máscara de Lauro Sodré.



A situação antes. Todos: - Livra! Que raio de vacca brava nos sahio a tal vaccina obrigatoria... Está damnada! Quer arrebentar tudo!



A situação depois

Os mesmos: - Olha quem ella era!... Não há nada como - mascacas abaixo!
Cartas na mesa! Jogo franco! - Á unha!

Na nova linha editorial de “O Malho” – após a tentativa violenta de golpe –, tanto a vacinação obrigatória como a politicagem aproveitadora da Revolta estão manchadas de sangue. O que não impede que Oswaldo Cruz seja O Nero da Higiene, que incendiou a cidade (p. 29).



O Nero da Hygiene

- Ah! Não querem o meu regulamento allemão para a vaccina obrigatoria?! Pois fico em armas e sou capaz de mandar incendiar esta Roma dos meus peccados!...

Na p. 33, a Revolta teve efeitos mais desastrosos do que os da vacinação:



Peior a Emenda Que o Soneto

- Aqui está no que deu a festa! Disseram-me que si eu sabisse para a rua a brigar não seria vacinado á força... Sahi, e o resultado foi ficar sem uma perna e sem um braço... Vou mandar a conta de prejuizos aos cabeças da revolta...

Já na ed. 115, de 26-11-1904, p. 23, “O Malho” mostra-se mais brando com o governo – que sufocou a Revolta – e admite que o movimento antivacina tinha suas *fake news*:



Como Elles Faziam Propaganda

- Ih, seu Ambroso! O tá negocio da vaccina é um horrô!...
- E' mêmo! Me disseru qui os taes doutô vão botá na gente sangue de rato podre...
- Sim, senhô! Nos home é com faca de ponta nas virias, nas mulhé, é ferro na barriga.
Ta'scutando, seu Ambroso?
- Estou, estou. Estou a bêri que bocês são uns grandes cumedores de caraminholas!
- Caraminholas, não sinhô! Foi seu doutô Vicente que disse isso a gente, e seu doutô Vicente não mente.
- Só q'ando lhe não cumbier!..

Ainda na edição 115, aparece o maltratado Zé Povo, agora chamado de Zé Povinho (nome que viria a prevalecer no Brasil todo). Note-se, de passagem, que “O Malho” foi um dos pioneiros na criação desse personagem, como mostra RIBEIRO (2010). Na caricatura da p. 25, um Oswaldo Cruz irredutível insiste na sua propaganda (“enganosa”) da vacinação obrigatória, contra o já tão sofrido Zé Povinho.

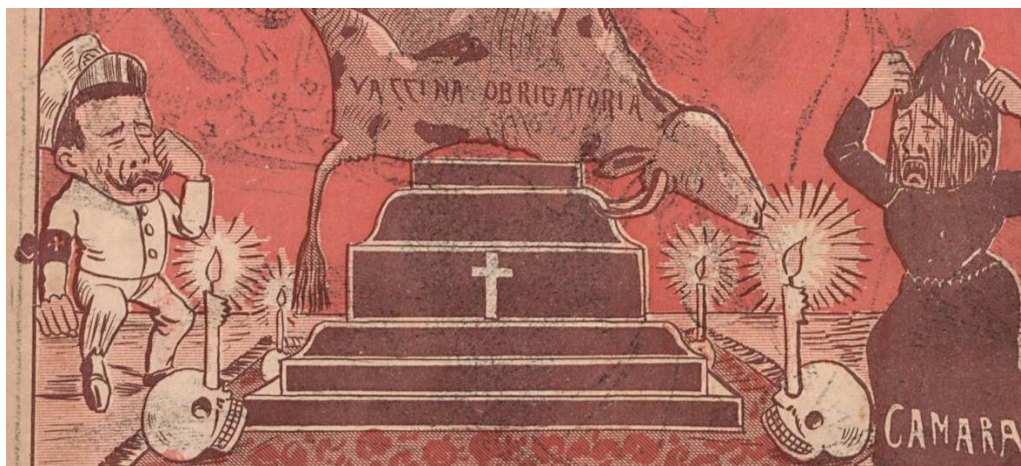


As Paredes Teem Ouvidos

- Aquelle sujeito de bigode e cabelleira anda embromando o outro cidadão, falando mal de mim. Parece *incrível*, mas o bigode de arame 'stá teimoso na tal vaccina obrigatoria... Arre, que cabeçudo!

O movimento rebelde foi dominado pelo governo, que prendeu e exilou algumas pessoas para o Acre. Em seguida, a Lei da Vacina Obrigatória foi modificada, tornando facultativo o seu uso.

Nosso ciclo em “O Malho” se fecha na Ed. 116 de 03-12-1904, p. 2, com a caricatura do Velório da Lei da Vacinação Obrigatória, derrubada pela Câmara:



Na Camara Ardente

Oswaldo Cruz: - Tratantes! Mataram-me a vaquinha dos meus sonhos! Aam! Aam!
Camara: - Coitadinha da minha filha! Tão bem criada e tão mal fadada! Aam! Aam!

6. Considerações finais

Neste artigo, após percorrer as edições de “O Malho” sobre a Revolta da Vacina, foi gratificante para nós recolher as 19 caricaturas dedicadas tematicamente ao movimento rebelde, comprovando o que a própria revista proclamava em sua “Ode à Caricatura”:

[...] O que as palavras exprimir não podem,
O que às pennas e às lingoas a lei veda,
Pode o lapis dizel-o impunemente [...]
Ave, Caricatura! [...]

Por meio delas, pudemos verificar surpreendentes semelhanças (com as devidas reservas) entre a revolta daquela época e nosso atual movimento antivacina: em ambos os casos, intrinsecamente unidas a interesses ligados ao contexto político correspondente.

Após a análise das charges e a observação de falas e medidas do atual presidente da República, Jair Bolsonaro, foi verificada a historicidade na formação de uma cultura antivacina exibida atualmente. Contemplamos, com base nos documentos aqui recolhidos, a violência e a desconfiança do povo, relacionada à vacinação. Como exemplo, o símbolo utilizado para representar a vacina durante o período da Revolta: a lanceta, caricaturizada de forma a remeter uma arma de guerra.

Pudemos observar, também, a mudança de postura editorial de “O Malho”, muito mais complacente com o governo, após sua drástica ação repressiva...

Chama a atenção ainda o protagonismo do povo nessas caricaturas: por vezes personificado na figura de Zé Povo, evoluindo para Zé Povinho, incorporado para sempre em nossa linguagem popular.

Ressaltamos, por fim, que a memória social de resistência a programas de vacinação foi mobilizada por parcela da população na atual pandemia da Covid-19. Além disso, percebemos a intensificação de tal movimento pela militância de Jair

Bolsonaro, que advogou deliberadamente contra a vacinação, junto com seus ministros da Saúde.

Atingimos nosso objetivo de facilitar ao leitor o acesso à documentação histórica que, esperamos, proporcione sugestiva reflexão sobre temas de tanta importância como Saúde Pública, respeito à Ciência, direito à informação entre outros.

Referências Bibliográficas

Evidentemente, nossa principal referência bibliográfica foi a coleção completa de “O Malho”, disponível no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

LOPES, Anna Júlia. Relembra declarações de Bolsonaro sobre a vacinação. **Poder 360**, 17 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/44210/22902>. Acesso em 02-05-2022.

CEDEM - Centro de Documentação e Memória da Unesp. Charges da revista "O Malho" inovaram a crítica política <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/477/charges-da-revista-o-malho-inovaram-a-critica-politica->. Acesso em 02-04-2022.

NOGUEIRA, Renata F. da S. **Muda a cidade, mudam-se as pessoas. Repressão e movimentos sociais nas páginas da revista ilustrada *O Malho* (1902 -1910).** 2018. 149 p. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

RIBEIRO, Pedro Krause. *Memórias de Zé Povo ou memórias individuais?* XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio. ANPUH: Rio de Janeiro, 2010. p.1-9. Disponível: www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276642118_ARQUIVO_PedroKrause.pdf.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: Mentis insanas em corpos rebeldes* Editora Unesp; 1ª edição (22 junho 2018) Formato: eBook Kindle. Disponível: https://www.amazon.com.br/dp/B07JLZB7P6/ref=dp-kindle-redirect?_encoding=UTF8&btkr=1

Recebido para publicação em 28-06-22; aceito em 24-07-22.